

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**As Escolas Experimentais de Anísio Teixeira: suas contribuições
para a educação brasileira**

LARISSA SANTANA DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**As Escolas Experimentais de Anísio Teixeira: suas contribuições
para a educação brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.(a) Libânia Nacif
Xavier

LARISSA SANTANA DE OLIVEIRA

**As Escolas Experimentais de Anísio Teixeira: suas contribuições para
educação brasileira.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 07/02/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^a Dra^a Libânia Nacif Xavier

Prof Dr José Cláudio Sooma Silva

Prof^a Dr^a Silvina Julia Fernández

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria, por todo apoio e suporte emocional que ela me dá diariamente, e por nunca ter desistido de mim.

Ao meu padrasto, Rogerio, a quem eu devo a minha formação acadêmica, graças a ele eu pude ter a oportunidade de entrar na universidade, e ele sempre acreditou no meu potencial.

Aos meus amigos, que são a família que eu escolhi, em especial às minhas queridas amigas Anna Lívia Magalhães, Giovanna Bandeira, Joanna Ferreira e Myllena Ribeiro que estão comigo desde o ensino médio. Nós entramos na universidade juntas, e estamos nos tornando profissionais juntas. Muito obrigada por todo amor e acolhimento, vocês fazem diferença na minha vida desde o dia em que nos conhecemos. Minha eterna gratidão ao meu amigo Thiago Roberto, obrigada por sempre tentar me acalmar quando tudo parecia estar dando errado. Agradeço também a minha amiga Lívia de Fátima, que está comigo desde o meu primeiro dia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, juntas passamos por muitos momentos memoráveis, com certeza se estou aqui hoje escrevendo esse trabalho, a Lívia tem uma grande influência nisso.

À minha querida professora e orientadora Libânia Xavier, uma pessoa tão humana, que deu todo apoio que eu precisei durante a escrita desse trabalho e durante o tempo que fui sua extensionista na extensão "*Sua escola tem história*", e fez eu me apaixonar pela área da história da educação.

À CAPES, que durante dois anos financiou a minha bolsa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Centro de Referência de Educação Infantil Realengo (Colégio Pedro II). Essa experiência foi de extrema importância para a minha permanência na universidade, e foi o que me fez ter certeza que eu quero ser professora, e quero lutar por uma educação pública de qualidade.

Por fim, agradeço a todas as crianças que passaram por mim durante toda a minha trajetória acadêmica, seja nos estágios obrigatórios, no PIBID ou no estágio não obrigatório. Vocês fizeram parte da minha evolução enquanto pedagoga.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

-Paulo Freire

RESUMO

OLIVEIRA, Larissa Santana de. **As Escolas Experimentais de Anísio Teixeira: suas contribuições para educação brasileira**. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.53, 2022.

Anísio Teixeira nasceu na Bahia, em 1900. O educador foi um grande defensor da educação pública, gratuita, laica e de qualidade. Em 1924, o educador assumiu o cargo de Inspetor Geral de Ensino da Bahia, e em 1932, Anísio Teixeira fez parte do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Anísio tornou-se Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal -RJ, em 1931, e durante esse período implementou uma série de reformas no âmbito da educação. Durante essa reforma (1931-1935), Anísio Teixeira criou cinco escolas experimentais, que funcionavam como um laboratório de experimentação de práticas pedagógicas, eram elas: Bárbara Ottoni (método de projetos), Manoel Bomfim (plano Dalton), México, Argentina e Estados Unidos (sistema platoon). Cada escola utilizava um método educacional, alguns trazidos por Anísio do exterior. Na década de 1950, Anísio criou o Centro de Educação Carneiro Ribeiro, na Bahia, que é considerado, nos dias de hoje, uma instituição muito importante para entendermos a educação integral. Anísio trabalhou também com a Escola Guatemala, que oferecia cursos de especialização para as professoras. A partir da criação das escolas experimentais e da reforma educacional, podemos investigar em que medida as ideias de Anísio Teixeira podem contribuir para (re)pensar e construir uma educação pública de qualidade no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Escola Pública. Escolas Experimentais. História da educação. Reformas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Anísio Teixeira	10
1.1 Antecedentes históricos	10
1.2 A influência de John Dewey nas ideias de Anísio Teixeira	15
1.3 Legado de Anísio Teixeira	17
A Reforma Educacional de Anísio Teixeira	19
2.1 Motivos para reformar a educação	19
2.2 A Reforma Educacional de Anísio Teixeira no Distrito Federal (1931-1935)	21
As Escolas Experimentais	27
3.1 Escola Bárbara Ottoni	29
3.2 Escola Manoel Bomfim	31
3.3 Escola Argentina	35
3.4 O Centro Educacional Carneiro Ribeiro	37
3.5 Escola Guatemala	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

As propostas de Reforma Educacional de Anísio Teixeira apresentam contribuições bem atuais, porém poucos estudos estabelecem relações entre o legado de Anísio Teixeira e as questões da educação contemporânea. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar em que medida as ideias de Anísio Teixeira podem contribuir para (re)pensar e construir uma educação pública de qualidade no Brasil contemporâneo. Com base no trabalho de Xavier e Pinheiro (2016) e em escritos e documentos do e sobre o educador, o trabalho apresenta os pontos fortes da Reforma Educacional do Rio de Janeiro, nos anos 1930 e observa a sua relação com as ideias defendidas por John Dewey e com a experiência da Lab School de Chicago (EUA), que inspiraram a construção das escolas experimentais, conforme ficaram conhecidas por aqui.

Quando dirigiu a reforma da educação pública na cidade do Rio de Janeiro (1931-1935), Anísio Teixeira criou cinco escolas experimentais, a saber: Escola Manoel Bonfim; Escola Argentina; Escola Bárbara Ottoni; Escola México e Escola Estados Unidos. Cada escola seguia um projeto pedagógico próprio, mas todas funcionaram como um laboratório de experimentação didática, onde professores e alunos se envolviam em atividades dinâmicas que eram avaliadas e redirecionadas num trabalho integrado de prática pedagógica e de reflexão sobre o próprio trabalho. Em suma, o trabalho pretende apresentar os resultados dos estudos sobre documentos e publicações que discutem a Reforma Educacional de Anísio Teixeira e, em particular, as propostas atinentes às escolas experimentais, e, ao final, desenvolver uma análise que estabeleça relações entre a proposta educacional de Anísio Teixeira dessa época e os problemas que desafiam a educação pública carioca e brasileira, nos dias atuais.

Mas, antes de apresentar as contribuições de Anísio Teixeira para a educação brasileira, no que tange à criação das escolas experimentais no Rio de Janeiro, nos anos 1930, quando ele exerceu um cargo equivalente ao de secretário de educação, vou apresentar alguns dados biográficos deste educador, de modo a demonstrar

grande envolvimento dele com a educação brasileira, que atuou em todos os níveis e modalidades de ensino, ao longo de sua trajetória biográfica. Este será o tema abordado no capítulo 1. O capítulo 2, discorre sobre a Reforma do ensino que ele coordenou na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1931 a 1935, quando o Rio ainda era a capital da República. O capítulo 3 aborda algumas características das Escolas Experimentais que ele fundou no Rio de Janeiro, nos anos 1930 e, acrescenta alguns dados sobre as escolas experimentais criadas no Rio e em Salvador, nos anos 1950. Ao final apresentarei um ensaio interpretativo, articulando as suas contribuições para pensar os problemas da educação contemporânea e vislumbrar soluções, inspiradas em seu legado histórico.

A maior parte do acervo utilizado neste trabalho foi de forma digital, já que o trabalho foi escrito durante a pandemia. Grande parte desse acervo foi encontrado na Biblioteca Virtual Anísio Teixeira¹, vinculada a Universidade Federal da Bahia, com apoio do CNPq e do Arquivo histórico digital do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

¹Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/index.html>

1

Anísio Teixeira

1.1 Antecedentes históricos.

Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, na Bahia, no dia 12 de julho de 1900. Anísio estudou em colégios de jesuítas, na Bahia, como o Instituto São Luís, em Caetité, e o Colégio Antônio Vieira, em Salvador. Formou-se em direito, em 1922, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro (hoje conhecida como Faculdade Nacional de Direito). Em 1924, após se tornar bacharel em direito, Anísio recebeu o convite vindo do governador da Bahia, Francisco Marques de Góes Calmon, para assumir o cargo de Inspetor Geral de Ensino. Durante sua passagem no cargo, Anísio Teixeira revelou-se “grande administrador, reformando o sistema escolar baiano que, entre 1924 e 1927, quase dobrou sua participação percentual no orçamento do estado e triplicou o número de matrículas oferecidas, atingindo, mesmo assim, a somente 20,5% da população em idade escolar.” (COUTINHO, 1977). O educador baiano foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, e, segundo Anísio, “só existirá democracia no Brasil no dia em que se montar no país a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da escola pública”. (TEIXEIRA, 1936, p. 247). Naquela época, assim como hoje, se fazia necessário conhecer mais sobre educação e sistemas educacionais para fazer a diferença, e, por isso, em 1925, durante uma viagem para a Europa, Anísio observou os sistemas de ensino da Espanha, Bélgica, Itália e França, e com o mesmo objetivo fez duas viagens para os Estados Unidos entre 1927 e 1929. Em 1927, Anísio Teixeira demitiu-se do cargo pois o novo governador não concordava com as suas ideias para a mudança do ensino.

Nas décadas de 1920 e 1930, a oportunidade de acesso e a qualidade do ensino brasileiro ainda se configurava como um privilégio, e o debate sobre a escola pública, gratuita, obrigatória e laica estava muito forte, principalmente na Europa e na América. No Brasil, durante esse período, foram acontecendo com mais força as reformas no âmbito da educação. Com isso, Anísio Teixeira, junto com outros intelectuais da educação, como Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, participou do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que tinha como objetivo uma educação pública voltada para todos. “A renovação educacional no início da Segunda República estava alicerçada nas teorias psicológicas de Lourenço Filho, na contribuição sociológica de Fernando de Azevedo e no pensamento filosófico e político de Anísio Teixeira”. (SANDER, 2007, p.28). Tendo como base os pensamentos de Taylor (1916) nos Estados Unidos, Weber (1974) na Alemanha, além de outros pensadores americanos, como Dewey (1916), os educadores brasileiros aprenderam sobre administração escolar. O documento é visto até hoje como o marco inaugural da renovação educacional do país. Anísio Teixeira sempre deixou claro que era contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, o que mantinha a grande maioria da população em estado de analfabetismo e ignorância.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) diz:

Em nosso regime político, o Estado não poderá, decerto, impedir que, graças à organização de escolas privadas de tipos diferentes, as classes mais privilegiadas assegurem a seus filhos uma educação de classe determinada; mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas, a que só tenha acesso uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico. Afastada a ideia de monopólio da educação pelo Estado, num país em que o Estado, pela sua situação financeira, não está ainda em condições de assumir a sua responsabilidade exclusiva, e em que, portanto, se torna necessário estimular, sob sua vigilância, as instituições privadas idôneas, a escola única se entenderá entre nós, não como uma conscrição precoce arrolando, da escola infantil à universidade, todos os brasileiros e submetendo-os durante o maior tempo possível a uma formação idêntica, para ramificações posteriores em vista de destinos diversos, mas antes como a escola oficial, única, em que todas as crianças, de 7 a 15 anos, todas ao menos que, nessa idade, sejam confiadas pelos pais à escola pública, tenham uma educação comum, igual para todos.

Em 1930, um pouco antes do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), Getúlio Vargas comandou um movimento político que o colocou no poder.

Chamado de Revolução de 1930, o movimento, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, culminou com o golpe de Estado que pôs fim na República Velha. Júlio Prestes, candidato que até então tinha vencido as eleições presidenciais, foi exilado. Getúlio Vargas, então, assumiu a chefia do "Governo Provisório", em 3 de novembro de 1930.

O Ministério da Educação e Saúde Pública, criado durante o governo de Getúlio Vargas, teve à frente Gustavo Capanema. O ministro era católico e antiliberal, e, muitas vezes, assumiu posições contrárias ao Manifesto dos pioneiros da educação nova. Com isso, manteve o ensino religioso no currículo das escolas públicas e a educação se dividiu em dois ramos: um primeiro que assegurava a formação primária e o ensino secundário, único a garantir acesso ao ensino superior para as elites e um segundo que articula o ensino primário ao ensino profissional, que significava o término das trajetórias de escolarização das massas trabalhadoras. Nesta época, a religião católica estava presente no ensino público, e exercia influência no ensino privado, já que as igrejas eram donas de muitas instituições de ensino. Anísio Teixeira chegou à administração pública do Rio de Janeiro em 1931, no cargo hoje equivalente ao de secretário de educação do Rio de Janeiro, no mesmo ano em que foi implantada a Reforma Francisco Campos. À frente do Ministério da Educação, Francisco Campos organizou de forma efetiva o ensino secundário e superior no Brasil. Anísio deu continuidade à administração da reforma anterior, de Fernando de Azevedo. No mesmo ano, Anísio criou uma rede municipal de ensino que ia da escola primária à universidade.

A nova Constituição Federal foi publicada em 1934, e foi, pela primeira vez, citada uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, por influência de Anísio Teixeira. Na Constituição dizia que era responsabilidade da União "traçar as diretrizes da educação nacional" (art. 5º) e "fixar o plano nacional de educação, compreensivo do ensino em todos os graus e ramos, comuns e especializados" (art. 150º). O educador defendia a criação de uma Lei que oferecesse o princípio de uma escola pública, gratuita e comum aos dois gêneros, o que gerou desconforto entre os membros da Igreja Católica e seus seguidores. A Constituição de 1934, considerou a educação como um direito de todos os brasileiros, sendo responsabilidade do Governo e da família, e também estabeleceu o ensino primário gratuito e obrigatório.

Apesar da Constituição de 1934 citar a criação de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os trabalhos de redação, debate e aprovação nas instâncias legislativas tiveram início apenas em 1948 e ela só entrou em vigor em 1966.

Em 1935, Anísio Teixeira foi perseguido e afastado da administração pública, sendo acusado de envolvimento no levante comunista, graças ao seu projeto progressista de educação, e a Igreja Católica o taxou de antinacionalista. Anísio refugiou-se no sertão da Bahia, local em que permaneceu até 1945. Durante esse período, o educador se dedicou à comercialização de automóveis, à tradução de livros e à correspondência com amigos. Dentre esses amigos encontra-se Monteiro Lobato, com quem Anísio trocou muitas correspondências, principalmente durante seu exílio. Em uma dessas correspondências, Lobato (1945) diz:

“O buraco que você deixou em São Paulo parece buraco de estrada de rodagem da China - aqueles que ficam abertos a vida inteira. Todos dizem isso. Você é um fazedor de buracos impreenchíveis. Ninguém te substitui, Anísio. Não há no mundo uma personalidade e uma mentalidade mais viva e iluminadora que a sua. A vida sem o Anísio é uma porcaria - saiba disso.”

Ele só voltou à vida pública depois da queda do Estado Novo (1937-1946), assumindo, já na década de 1950, a Direção do então denominado Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, órgão vinculado ao Ministério da Educação (Inep-MEC). Apesar do retorno à democracia, os conflitos e disputas pelo controle do ensino permaneceram pontuando o debate e a gestão pública da educação brasileira. Tanto que em 1958 foi publicado um Memorial dos Bispos (gaúchos) contra as ideias da escola nova que Anísio empunhava como bandeira da renovação do ensino no Brasil. Em resposta, ele publicou, em 15 de Abril de 1958, um documento que dizia o que ele era contra e o que ele era a favor no âmbito da educação. No documento, Anísio diz estar tornando público aquele documento “a fim de evitar tão reiteradas incompreensões” (TEIXEIRA, A., 1958). As questões que Anísio Teixeira se posiciona a favor, na área da educação, são:

1. Sou a favor de uma escola primária organizada e séria, com seis anos de estudo nas áreas urbanas e quatro na zona rural, destinada à formação básica e comum do povo brasileiro.
2. Sou a favor de uma escola média que continue em nível mais alto, o espírito de educação comum da escola primária, mais preparatória

para a vida do que simplesmente propedêutica aos estudos superiores, organizada em torno de um currículo mais simples e verdadeiramente brasileiro, em que a língua nacional, a civilização nacional e a ciência sejam os verdadeiros instrumentos de cultura do aluno.

3. A meu ver, os recursos - sabiamente assegurados pela Constituição à educação - devem ser aplicados como algo de sagrado e à luz de dois critérios básicos: primeiro o de assegurar a cada brasileiro o mínimo fundamental de educação gratuita, isto é, a escola primária; segundo somente custear com recursos públicos a educação pós-primária de alunos escolhidos em livre competição, a fim de que a favor da educação gratuita não se faça meio de manter os privilégios, mas de premiar o esforço e a inteligência dos melhores.

4. Sou a favor de uma educação voltada para o desenvolvimento, que realmente habilite a juventude brasileira à tomada de consciência do processo de autonomia nacional e aparelho para as tarefas materiais e morais do fortalecimento e construção da civilização brasileira." (1958, p. 139-141)

Dentre os princípios educacionais contra os quais Anísio Teixeira se posicionou no âmbito da educação, ele destacou que era contra a educação como processo exclusivo de formação de uma elite, visto que menos de 5% dos estudantes conseguiam ingressar em uma universidade. O educador também afirmou ser contra a criação de escolas improvisadas, visto que os recursos aplicados em improvisos poderiam ser utilizados para a expansão e fortalecimento de boas escolas, isto é, de escolas cujo prédio, o mobiliário e até mesmo a localização fossem adequados ao ensino. Anísio (1958, p. 139-141) também afirmou: "Choca-me ver o desbarato dos recursos públicos para educação, dispersados em subvenções de toda natureza a atividades educacionais, sem nexo nem ordem puramente paternalistas ou francamente eleitoreiras."²

Em 1958, enquanto diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), Anísio Teixeira participou de um debate sobre o projeto de Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O educador e filósofo cita a educação popular (uma educação de todos para a vida comum) como o maior instrumento para construção da democracia (TEIXEIRA, 1958). Porém, essa educação popular não foi organizada no período devido e normal. O problema da educação, na visão de Anísio Teixeira,

² Tanto o personalismo quanto o interesse eleitoral constituem práticas anti-democráticas, na medida em que desconsideram o direito de todos às mesmas oportunidades educacionais e priorizam o interesse privado em detrimento do funcionamento público das instituições escolares.

se constituía em um problema de formação nacional, sendo, portanto, um problema político. Acrescentou, por fim, que, daquele debate, resultaria a votação de uma lei nacional de educação, capaz de promover o movimento de emancipação educativa (TEIXEIRA, 1958). Com essas palavras, ele já estava visando a luta que se deu em torno da elaboração e aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, iniciada em 1948, como já foi assinalado anteriormente.

Para Teixeira, o aluno, o professor e a própria instituição devem ser autônomos e precisam sentir-se participantes e responsáveis para que o processo educativo se faça autêntico. “Daí a lei se faz pregoeira de flexibilidade, liberdade, descentralização e autonomia, como algo inerente ao próprio processo educativo” (TEIXEIRA, 1958). Na LDB 9394 de 1996, a mais atual que temos, é citada a autonomia pedagógica e administrativa das unidades públicas de educação básica. Ainda na atual LDB, o Art. 3º diz que o ensino será ministrado com base em alguns princípios, como o respeito à liberdade e apreço à tolerância, garantia de padrão de qualidade, valorização da experiência extra-escolar, gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais e uma gestão democrática do ensino público. Muitos desses princípios já eram defendidos por Anísio Teixeira, bem antes da existência da primeira Lei de Diretrizes e Bases.

O pensamento de Anísio Teixeira foi influenciado pelas ideias do pragmatismo, que teve como um de seus expoentes, o professor e pesquisador da Universidade de Chicago - EUA, John Dewey.

1.2 A influência de John Dewey nas ideias de Anísio Teixeira.

John Dewey (1859 - 1952) nasceu em Vermont, e foi um filósofo e pedagogo norte-americano. Suas ideias tiveram uma importante influência sobre a educação brasileira. Em 1927, Anísio Teixeira foi aos Estados Unidos, onde tomou conhecimento das ideias e experiências pedagógicas de Dewey. Em 1928, Anísio voltou para os Estados Unidos para fazer pós-graduação, e quando retornou ao Brasil traduziu dois trabalhos de John Dewey. Podemos destacar duas grandes influências de Dewey no trabalho de Anísio Teixeira: a defesa da escola pública e gratuita e a implantação das escolas experimentais, ou como eram chamadas nos

EUA, as escolas laboratório. O termo se remete aos procedimentos científicos, às experiências de laboratório, que requerem a observação, o planejamento como processo de pesquisa e a comprovação empírica. Desse modo, ensino e experiência prática se uniam numa pedagogia dinâmica e controlada em seu desenvolvimento.

Cabe destacar que, para o pensador americano, a educação era uma constante reconstrução da experiência. Daí vem a teoria da investigação de Dewey - "theory of inquiry", que representa a lógica da descoberta. "A lógica ou teoria do conhecimento de Dewey, ("Logic – theory of inquiry") funda-se, com efeito, no exame do processo de adquirir o conhecimento". (TEIXEIRA, 1955). O conhecimento, nesse caso, é o resultado de um processo de indagação. E, no caso das escolas, esse conhecimento deveria ser construído coletivamente, com base no compartilhamento da observação e do questionamento em torno a questões de interesse do grupo.

Anísio Teixeira e John Dewey defendiam a aprendizagem como um processo ativo, ou seja, o aluno é protagonista da sua própria aprendizagem. Chamada de educação progressista, a educação é entendida como uma necessidade social, e tem uma função democratizadora de igualar as oportunidades. Neste sentido, a escola deveria ensinar a criança a viver no mundo, como sociedade em miniatura (DEWEY, 1959). A filosofia deweyana consiste em uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar os próprios conhecimentos. O professor, nessa filosofia, deve apresentar os conteúdos escolares na forma de questões ou problemas, e jamais dar soluções prontas para os alunos. Conforme observou Teixeira (1995):

A lógica é o processo do pensamento reflexivo; "conhecimento" é o resultado deste processo; o "já conhecido" é o "material", que usamos para operar a investigação ou a pesquisa. Mas este material só será devidamente, adequadamente utilizado, se, no processo pelo qual o tivermos adquirido ou aprendido, tivermos operado como se ele houvesse sido descoberto por nós próprios. (TEIXEIRA, 1955).

Podemos ver fortemente a influência de John Dewey nos estudos e nas políticas adotadas por Anísio Teixeira, nos cargos que ele exerceu no âmbito da gestão da educação pública a partir do exemplo da Escola Parque, fundada pelo educador brasileiro, na cidade de Salvador, durante a década de 1950. Na Escola Parque, os alunos deveriam conciliar o estudo teórico, na parte da manhã, com o

estudo de arte e a parte prática, no período da tarde. A escola em tempo integral era um projeto caro, porém Anísio defendia que se usavam tanto dinheiro para fazer guerra, deveriam usar esse dinheiro para a educação. Anísio concordava com Dewey, para quem as hipóteses teóricas só tinham sentido no dia a dia, e, a educação, portanto, é um processo de viver.

1.3 Legado de Anísio Teixeira.

Em 1935, Anísio Teixeira criou a Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro, porém a UDF foi extinta em 1939, durante o Estado Novo. Anísio havia contratado professores franceses da mais alta qualificação, quando a UDF acabou sendo fechada. Com a Universidade do Distrito Federal foi a primeira vez que o Brasil contou com um centro de ensino responsável tanto pela formação de professores quanto pela pesquisa científica, mudando o eixo que tradicionalmente organiza o ensino superior no país, focado na formação de bacharéis e na arte da retórica. Em 1946, após o convite de Julien Huxley, Anísio assumiu o cargo de conselheiro de ensino superior da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O educador comprometeu-se a apenas um período de experiência, um pouco depois foi convidado a integrar definitivamente o staff da UNESCO, mas recusou o convite.

Em 1951, tornou-se secretário-geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (Capes) e, de 1952 a 1964, foi diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) que hoje leva o seu nome. Como diretor do Inep, Anísio criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) com o objetivo de coordenar estudos sobre a realidade brasileira. Em dezembro de 1954, em uma carta para Cândido Mota Filho, Anísio Teixeira fala sobre a criação de um Centro Nacional dos Estudos Educacionais, no Rio de Janeiro, e de quatro Centros Regionais, em São Paulo, Rio Grande do Sul, Recife e Bahia , que segundo Anísio:

“[...] destinados a se constituírem centros de documentação pedagógica do país como um todo e das regiões, centros de pesquisas e estudos dos diferentes aspectos dos sistemas educacionais e centros de treinamento, formação e aperfeiçoamento de educadores, administradores e professores de ensino primário e normal.” (TEIXEIRA, A., 1954)

Na mesma carta, o educador diz que o Centro Nacional tem como objetivo a formulação de uma política institucional, especialmente de referência à educação, a pesquisa das condições escolares no Brasil, e:

"Conjuntamente com esse trabalho de pesquisa, interpretação e planejamento e elaboração de material pedagógico e por meio dele o Centro treinará administradores e especialistas em educação para abastecer os Estados e os Centros Regionais de Estudos Pedagógicos, que estão sendo criados nos Estados, ligados ao master center do Rio de Janeiro e, se possível, os próprios departamentos de educação das escolas de filosofia das universidades brasileiras." (TEIXEIRA, A., 1954)

Os Centros Regionais, segundo Anísio, tinham como objetivo realizar e estimular estudos e pesquisas pedagógicas, realizar o aperfeiçoamento e a especialização de professor primário e de Curso Normal e recolher documentos pedagógicos. "O projeto ambicioso de Anísio era, com esses Centros, prover recursos para forçar as universidades brasileiras a assumir responsabilidades no campo educacional, na mesma proporção em que o faziam com respeito à medicina e à engenharia." (RIBEIRO, 1995)

Anísio Teixeira foi um dos idealizadores, ao lado de Darcy Ribeiro, do projeto de fundação da Universidade de Brasília (UnB). Em 1961 foi sancionada a lei que criava a Universidade, pelo então presidente João Goulart. Darcy foi nomeado reitor, e Anísio foi vice-reitor. Em 1963, Darcy Ribeiro assumiu o cargo de chefia do Gabinete Civil da Presidência da República, e Anísio Teixeira tornou-se reitor da UnB. Em 1964, com o golpe militar, acabou sendo afastado do cargo. Foi para os Estados Unidos, e lecionou nas universidades de Columbia e da Califórnia. Em 1965 retornou ao Brasil, e em 1966 tornou-se consultor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Em 11 de março de 1971, Anísio Teixeira faleceu de modo misterioso. Seu corpo foi encontrado no poço do elevador do prédio de um amigo, no Rio de Janeiro. A polícia considerou a morte acidental, mas a família suspeita de que ele possa ter sido vítima de repressão do governo de Emílio Médici.

2

A Reforma Educacional de Anísio Teixeira

2.1 Motivos para reformar a educação

A educação e a escola nem sempre tiveram o importante papel social que tem nos dias de hoje. As escolas tinham como objetivo ensinar a ler, escrever, contar e dar rudimentos de forma cívica (TEIXEIRA, 1930), e somente alguns privilegiados chegavam ao término do curso. A partir do Renascimento, como Anísio cita no boletim da associação baiana de educação, a escola passou a ser necessária para a vida comum do homem. Antigamente, a sociedade industrial preparava o intelectual e o funcionário das indústrias. Os demais trabalhos, no geral os agrícolas, eram aprendidos diretamente pelo exercício da própria atividade. O progresso brasileiro, com a diminuição do trabalho agrícola e a revolução industrial contribuindo para a mudança das produções no mundo inteiro, exigia um sistema educacional adequado e compatível com as novas necessidades e os novos recursos nacionais (TEIXEIRA, 1930).

Em 1927, Anísio Teixeira fez uma viagem para os Estados Unidos, a fim de estudar os sistemas educacionais do país norte americano. Durante essa viagem, o educador escreveu um diário, relatando algumas de suas experiências durante o período em que esteve nos Estados Unidos. Anísio diz que Carlos Trejo Lerdo, que era Ministro do México em Havana, lhe mostrou um álbum com fotografias dos melhores trabalhos de pinturas de quatro escolas modernas recentemente fundadas. As escolas, em questão, eram todas predominantemente indígenas, como a escola *Tlalpan* e *Guadalupe Hidalgo*, e as escolas *Xochimilco* e *Churubusco*, que eram 100% indígenas. Nesse diário, Anísio diz que a pintura é um meio de expressão exata e espontânea, e que as crianças, que fizeram aquelas pinturas, não

receberam influências, e que eram apenas conduzidas a observar a sua terra, nesse caso a terra indígena, sob o aspecto estético. Anísio (1927), diz em seu diário:

“Já percorri duas, três vezes todo o álbum. Há tudo a mostrar. Impossível exemplos. A cor regional é perfeitamente mantida, o equilíbrio e a harmonia das cores revelam um rigoroso sentido estético e a força de expressão que, por vezes, aparece, nítida, inconfundível em alguns ótimos retratos e promete, para muito breve, grandes pintores ao México. [...] Julian Morales, com 13 anos, apresenta um quadro que honra uma exposição. Há nele um pouco de impressionismo e muita simplicidade, de imediato com a verdade artística. É uma rua de pequena cidade. Quase campo. Cabanas à frente da paisagem. Uma igreja. Dois pinheiros, altos, tristes e solitários. E um céu extraordinário: profundo, escapou de um azul nítido e macio, onde duas ou três nuvens completam a expressão realmente notável. E essa obra de arte saiu de mãos de 13 anos de idade.”

Em 1929, Anísio Teixeira participou de um curso na Universidade de Columbia sobre economia da educação. Durante esse curso teve aula com John Clark, que dizia que a educação “não é apenas um processo de formação e aperfeiçoamento do homem, mas o processo econômico de desenvolver o capital humano da sociedade.” (TEIXEIRA, 1931). Anísio Teixeira queria modernizar a educação, e era visto na época, pelos reacionários, como irrealista. Os críticos atribuem a reforma do ensino à deterioração do ensino, dando-a como origem de todas as deficiências da educação. Anísio dizia que o progresso é “filho” das invenções e das máquinas, e que a modernização da educação estava ligada à aplicação da ciência à civilização humana. Durante o tempo, para o educador, mudou a família, a comunidade, os hábitos e os costumes, e esse novo homem não poderia ser formado pela maneira estática da escola tradicional (TEIXEIRA, 1930). Com isto, a escola recebeu uma nova finalidade: a de preparar cada homem para ser um indivíduo que pensa. Antes, a educação consistia em ensinar a seguir e a obedecer. A escola, agora, seria uma réplica da sociedade a que ela serve, já que a criança se educa vivendo. Para Anísio Teixeira, a nova escola precisava preparar a criança para ter uma atitude crítica de inteligência, como ensinar a saber julgar e pensar as coisas, e a escola deveria prover oportunidades para a prática da democracia, ajudando os jovens a resolver os seus problemas morais e humanos.

Ainda no boletim da associação baiana de educação (1930), Anísio Teixeira cita a existência de duas leis da aprendizagem. A primeira lei é a de prática e efeito,

que diz que aprendemos, pela prática, certas reações que causam certos efeitos e não aprendemos outras. Como, por exemplo, as reações boas nós tendemos a repeti-las e aprendê-las, já as reações que não nos satisfazem, tendemos a não as repetir e a não aprendê-las. A segunda lei é a de inclinação, e diz que quando um indivíduo está inclinado a agir de um certo modo, agir satisfaz e não agir aborrece. Porém, quando um indivíduo não está inclinado a agir de um certo modo, não agir satisfaz e agir aborrece. Antigamente, aprender era sinônimo de memorização de fórmulas, perguntas e respostas, decorar um livro, e a repetição do que se foi decorado. Aprender, para Anísio, depende de uma situação real de experiência onde possamos praticar as reações que devemos aprender (TEIXEIRA, 1930). É um processo ativo de reagir a certas coisas, ou seja, não se aprende por simples absorção.

Anísio Teixeira cita o pedagogo norte americano William Heard Kilpatrick para dizer qual o tipo de escola que a sociedade daquela época precisava ter. Como argumentos para uma escola nova, Kilpatrick diz que, para ensinar uma criança a ser boa, não tem como fazer com que a criança pratique a bondade sem que, na escola, haja condições sociais reais que desenvolvam o sentimento de bondade. Ainda segundo o pedagogo norte-americano, a escola precisa trabalhar com experiências para que as crianças, de fato, consigam aprender; escola precisa de alunos ativos, ou seja, as atividades devem ser projetadas pelos alunos, para que eles sintam que podem viver a vida escolar; e os professores dessas escolas precisam simpatizar com as crianças, eles precisam saber que só através de atividades progressistas os alunos podem se educar e crescer, que nesse caso, para Kilpatrick, é ganhar cada vez mais meios adequados e melhores para realizar a própria personalidade dentro do meio social.

2.2 A Reforma Educacional de Anísio Teixeira no Distrito Federal (1931-1935)

Em 1931, Anísio Teixeira tornou-se Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal - RJ. Durante esse período, o educador encontrou um cenário desfavorável à educação pública da, então, capital do país. Durante seu discurso de posse como

Diretor Geral de Instrução, Anísio diz que tem consciência das grandes responsabilidades que o cargo dispõe. O educador ainda diz:

Por fim, com a transformação que se opera na escola, solicitada pela civilização moderna para um papel maior na sociedade, os que acompanhamos com interesse como coisas do ensino vimos o modo por que o aparelho pedagógico do Distrito Federal respondeu a essa intimação de uma nova filosofia de educação e uma nova política de educação. Por intermédio dos seus diretores mais recentes, dentre os quais cumpre destaque Carneiro Leão e Fernando de Azevedo - a instrução pública, no Distrito Federal, encaminhou-se para a corrente mais avançada do pensamento educacional. (TEIXEIRA, 1931).

Anísio Teixeira comenta sobre a reforma de Fernando de Azevedo, organizada entre 1927 e 1930 e que foi considerada uma das reformas mais radicais da educação até então. Para o educador, a reforma de Azevedo no Rio de Janeiro vinha ao encontro de uma consciência educacional dinâmica e moderna. Porém, estava longe da obra completa, e, para Anísio, a reforma precisava de contribuições de outros técnicos. (TEIXEIRA, 1932). Durante o discurso, Teixeira ainda cita que “toda a administração não tem outro fim que o de dispor das condições de êxito para a obra, que é só do mestre: EDUCAR.” (TEIXEIRA, 1932).

A professora Juracy Silveira (1960) foi diretora de escola e orientadora educacional durante o período das reformas educacionais de Anísio Teixeira (1931-1935), e, segundo ela, Anísio não trouxe como objetivo imediato mudar o que se vinha realizando pelo puro prazer intelectual da inovação. Ele veio para administrar, planificar e dirigir novos rumos e proporcionar novos meios à educação. A professora Juracy escreveu um capítulo no livro *Anísio Teixeira: Pensamento e ação* (1960), chamado de: “Alguns aspectos da reforma Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro”. Durante o capítulo, Juracy fala que em um estudo analítico da reforma de Anísio Teixeira deveria incluir sete capítulos, sendo eles: I- organização e funcionamento do departamento de educação; II- administração, organização e direção do ensino primário; III- reorganização das escolas de ensino médio; IV- expansão e enriquecimento da educação de adultos; V- formação de professor primário; VI- organização da secretaria-geral de educação e cultura: estrutura, finalidade, funcionamento; VII- criação e funcionamento da Universidade do Distrito Federal.

Anísio Teixeira implementou uma série de reformas no âmbito da educação, com ênfase ao planejamento das edificações escolares. Para Anísio, o prédio escolar era indispensável para qualquer programa educacional, para que assim pudesse ter a realização de todos os demais planos de ensino. Ao assumir a Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, Anísio diz que o aspecto mais impressionante dos problemas de educação pública, no Rio de Janeiro, era a insuficiência de escolas para atender as crianças em idade escolar (1932). As unidades planejadas por Anísio eram contra a ideia de que o papel da escola era, exclusivamente, o ensino da leitura, escrita e cálculo. Por isso, foram previstos nos novos prédios pátios para recreação e jogos, bibliotecas, salas ambientes de ciências, auditórios, salas de estudos sociais, cozinha e refeitório, com o objetivo de que a escola conseguisse cumprir a sua finalidade de ensinar a viver melhor, em uma comunidade civilizada.

Segundo dados do Relatório de 1932, Anísio Teixeira observou que, para uma população escolar mínima - ou seja, crianças de 6 a 12 anos - de 196.000 pessoas, só existiam escolas para cerca de 45% das crianças. A maioria dos prédios de escolas primárias eram impróprios ou inadequados para o funcionamento escolar. Sobre as salas de aula, Juracy Silveira (1960), diz:

“O inquérito realizado em 1932 revelou que das 1.142 salas de aula existentes em edifícios públicos e alugados, apenas 458 tinham área superior a 40M²; 306 possuem áreas menores e 278 com área inferior a 20m² - situação que somada à da repetência, explicava o custo elevado do ensino por capita”.

Dos 79 prédios que existiam na época, apenas 12 deveriam ser conservados, ou seja, precisavam de pequenos reparos e pinturas; 32 deveriam ser adaptados e precisavam de uma reforma geral; e 35 foram condenados e não tinham condições para serem utilizados pelas escolas. Com isto, Anísio Teixeira elaborou um plano mínimo de construção, a ser implantado até 1938, com a construção de 74 prédios novos, no total com 1431 salas de aula novas; 25 prédios adaptados, no total de 219 salas de aula novas; e 16 ampliações, no total de 306 salas de aula novas. Para esse plano mínimo de construção, Anísio considerava que o problema de instalação de escolas não poderia ser resolvido por uma só administração, e então, pela primeira vez, foi organizado um programa de construções para uma década,

prevendo que, em dez anos, a população escolar iria de 196.744 para 320.000. Esse programa de construções foi separado em duas etapas de cinco anos, prevendo assim a localização da escola de acordo com as tendências de crescimento da população.

A construção de todos esses prédios escolares foi liderada por Enéas Trigueiro Silva, arquiteto da Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares. A construção dos prédios obedeceu ao planejamento de remodelação da cidade, que previa grandes concentrações escolares em áreas escolhidas segundo critérios de demanda e facilidade de transportes (TEIXEIRA, 1934). Para isso, os prédios foram construídos obedecendo 6 tipos: o *prédio mínimo* com 2 salas de aula comuns, um atelier e uma oficina; a *escola nuclear* com 12 salas de aulas comuns e locais para administração, secretaria e biblioteca de professores - esta escola se completaria com um parque escolar; a *escola ampliada* com 12 salas de aulas comuns, 4 salas especiais para auditório, música, recreação e jogos e ciências sociais; a *escola platoon* com 6 salas de aulas comuns e 6 salas especiais para leitura e literatura com biblioteca anexa, para ciências sociais, para auditório, para música, recreação e jogos e para ciências, com vivarium anexo; além da *escola platoon com 16 classes* e a *escola platoon com 25 classes*.

Anísio Teixeira foi até Detroit com o objetivo de estudar a organização escolar platoon. A escola platoon é uma escola elementar que funciona simultaneamente em dois grupos, onde um grupo tem o ensino das matérias fundamentais do curso, enquanto o outro grupo se ocupa com as matérias especiais. O sistema escolar platoon se destina a satisfazer os atuais requerimentos da escola moderna, adotando uma forma moderna e mais flexível de organização da escola elementar e construindo edifícios que sejam adaptados aos fins da nova organização (TEIXEIRA, 1928).

Nas escolas platoons o dia escolar tem seis horas, divididos em dois blocos de três horas cada (um bloco das 08:30 às 11:30 da manhã e de 12:30 às 15:30 da tarde). Os alunos eram divididos em platoons (pelotões), e o currículo era dividido da seguinte forma: matérias fundamentais, onde aprendiam a leitura, escrita, ortografia, aritmética e língua; e as matérias especiais, ou seja, as demais matérias que

enriquecem o currículo, como arte, ciências, trabalho manual, desenho, etc. O dia escolar das escolas platoons é dividido em quatro períodos de 90 minutos para o ensino das matérias fundamentais e 12 períodos de 30 minutos para as matérias especiais. O plano procurava realizar o ideal de um programa completo, com economia de salas, já que a escola funcionava em dois grupos e com economia de tempo, já que cada professor trabalhava um dia completo (TEIXEIRA, 1928).

Além da renovação do ensino primário, Anísio Teixeira também criou o Instituto de Pesquisas Educacionais, anexando a ele os Centros de Professores e as Escolas Experimentais. Para o educador, as escolas experimentais eram escolas-laboratórios, que estavam ensaiando algumas das técnicas da escola renovada, e que, as únicas diferenças das escolas experimentais para as escolas regulares era no propósito de ensaiar um novo método, nos estudos e debates que se realizavam nas escolas, além de observar as atividades experimentais dos professores, que verificam os resultados e examinam o problemas e estudam os processos de ensino e de educação. As escolas experimentais eram no total cinco, sendo elas: **Bárbara Ottoni, Manoel Bomfim, México, Argentina e Estados Unidos.**

Em 1935, ano em que Anísio Teixeira pediu demissão da Secretaria de Educação, o Rio de Janeiro contava com 25 novos prédios construídos. Essas escolas estavam distribuídas da seguinte forma: 2 escolas do tipo Mínimo de 3 salas; 12 escolas do tipo Nuclear de 12 salas; 1 escola do tipo Nuclear de 8 salas; 5 escolas do tipo Platoon de 12 salas; 2 escolas do tipo Platoon de 16 salas; 3 escolas do tipo Platoon de 25 salas; 1 escola do tipo Especial de 6 salas; 1 escola do tipo Escola-Parque; 1 escola reformada com acréscimo de 12 salas.³

Com o fim do Estado Novo, Anísio voltou para o Brasil e tornou-se secretário de educação da Bahia, quando fundou a Escola Parque (Centro Educacional Carneiro Ribeiro), situado no bairro da Liberdade, em Salvador. A instituição é considerada pioneira no país por trazer a proposta de educação profissionalizante e

³ O Plano diretor das edificações escolares. **Rio.Gov**, 2021. Disponível em <http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_anisio/nav_anisio.htm> Acesso em: 11 de jan. de 2022.

educação integral. Darcy Ribeiro, o idealizador dos Centros Integrados de Educação Pública, os Cieps, no Rio de Janeiro, conta que Anísio Teixeira e a Escola Parque tiveram uma grande influência em seu projeto:

Anísio foi essencialmente um educador. Quero dizer, um pensador e gestor das formas institucionais de transmissão da cultura, com plena capacidade de avaliar a extraordinária importância da educação escolar para integrar o Brasil na civilização letrada. Para ele, a escola pública de ensino comum é a maior das criações humanas e também a máquina com que se conta para produzir democracia. É, ainda, o mais significativo instrumento de justiça social para corrigir as desigualdades provenientes da posição e da riqueza. Para funcionar eficazmente, porém, deve ser uma escola de tempo integral para os professores e para os alunos, como meus CIEPS. (RIBEIRO, 1995).

3

As Escolas Experimentais

As escolas experimentais foram instituídas por Anísio Teixeira durante sua passagem pelo Departamento de Educação do Distrito Federal (1932-1935). Eram cinco escolas experimentais, sendo elas: Bárbara Ottoni (método de projetos); Manoel Bomfim (desenvolvia plano Dalton); e as escolas Argentina, México e Estados Unidos (seguiram o Sistema Platoon). A duração das escolas experimentais não foi longo, pois era necessário que a política adotada pelo diretor que o sucedesse apoiasse a continuidade do projeto. Por esse motivo, as escolas experimentais foram extintas em 1936. Segundo Xavier e Pinheiro (2016), podemos observar que Anísio Teixeira teve como base para a criação das escolas experimentais o pragmatismo e o Laboratory School da Universidade de Chicago, criado por John Dewey, com o intuito de observação, demonstração e experimentação para testar as ideias educacionais defendidas pelo norte americano, já vistas anteriormente.

Conforme pode-se perceber, observando as atividades desenvolvidas nas escolas - tanto naquelas criadas nos anos 1930, quanto nas que foram criadas nos anos 1950 - as Escolas Experimentais foram “pensadas para serem centros de treinamento do magistério e a contraposição do padrão educacional da escola primária em vigor, que, segundo Anísio, era um “pungente retrocesso social” (MOREL, 2016). Como o próprio Anísio Teixeira dizia, “educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.”

Em 1951, Anísio Teixeira tornou-se Secretário Geral da Campanha de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes), e, no ano de 1952, passou a integrar a diretoria do INEP. Em 1953, Anísio Teixeira criou o Centro de Documentação Pedagógica. Nessa mesma época, começou a ser gestado o Centro

de Altos Estudos Educacionais, que serviu de base para a origem do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Foram criados também os centros regionais, em São Paulo, Rio Grande do Sul, Recife, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro (sede do Centro Nacional). Esses Centros Regionais tinham a tarefa de implantar as “escolas-laboratórios”, que eram espaços formais de experimentação de novas metodologias de ensino, além de promover cursos de aperfeiçoamento para os professores, e, como dizem Mendonça e Xavier (2008, p. 35):

“cumpre destacar que as escolas experimentais vinculadas aos centros se configuraram duplamente como escolas de experimentação e como espaço de formação de professores, abrigando vários desses cursos, como é o caso, por exemplo, da Escola Parque da Bahia e da Escola Guatemala, no Rio de Janeiro.”

A ideia inicial era de que cada Centro Regional tivesse sua própria escola de experimentação, porém, somente Bahia e Rio de Janeiro implantaram essas instituições. Na Bahia, o trabalho era desenvolvido no Centro Educacional Carneiro Ribeiro; no Rio de Janeiro, era desenvolvido na Escola Guatemala.

Em 1957, o INEP divulgou um projeto da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do Centro Brasileiro de Pesquisas sobre a escola experimental do Rio. No documento, o INEP traça linhas gerais do plano de trabalho para 1957, que conta com uma revisão dos guias de ensino para a escola primária organizados pela Secretaria de Educação e Cultura, do Distrito Federal, entre 1932 e 1935. O projeto central seria a realização de estudos e coleta de material para revisão e atualização dos guias de ensino referidos. O documento ainda cita que qualquer mudança de política educacional dependeria, em larga escala, do trabalho do professor que é realizado na classe. Mas, para isso, era necessário que os professores contassem com um tipo de organização de seu trabalho que lhes garantisse tempo e condições para realizar o planejamento e a avaliação de suas práticas pedagógicas.

Para criar essas condições, o INEP/CBPE contou com uma escola experimental e com o acompanhamento da Seção de Medidas e Programas de Ensino da Prefeitura do Distrito Federal. Os guias eram divididos em: introdução

sobre os objetivos da educação primária; questões básicas a tratar no ano escolar; sugestões de problemas variados a serem estudados para enriquecimento das atividades. O INEP sugere, então, que os professores aproveitem os projetos desenvolvidos na Escola Experimental. Segundo o documento divulgado pelo INEP em 1957 sobre as escolas experimentais,⁴ os projetos seriam realizados na Escola Guatemala, que contava com um largo acervo de materiais que foram trazidos dos Estados Unidos. Voltarei a este assunto mais adiante, depois de tratarmos das Escolas Experimentais dos anos 1930.

3.1 Escola Bárbara Ottoni

Em Junho de 1932 foi criada a Primeira Escola Experimental do Distrito Federal por Anísio Teixeira. Segundo Helena Moreira Guimarães (1954),⁵ diretora da Escola Bárbara Ottoni, a escola não contava com instalações especiais e nem adaptadas, dispendo, assim, do material mais comum. Na escola Bárbara Ottoni, as crianças estavam divididas em cinco turmas, sendo: duas turmas de 1º ano, duas turmas de 2º ano e uma turma de 3º ano. Inicialmente, esses grupos deveriam ser constituídos por até 30 alunos. Nos anos seguintes esse número teve que aumentar, como em 1935, por exemplo, a distribuição das crianças era a seguinte: 33 alunos no 1º ano, 34 alunos no 2º ano, 36 alunos no 3º ano, 40 alunos no 4º ano e 36 alunos no 5º ano.

Para a primeira escola experimental, era desejável a aplicação do “método de projetos”. O método de projetos pretendia conciliar a vida com a educação, a fim de trazer para as escolas as próprias situações que a vida oferece. Ou seja, é um processo de trabalho que favorece a criação de situações reais, ricas de experiências, ou atividades estimuladoras do interesse (INEP, 1956). Segundo a diretora, todas as etapas do trabalho eram discutidas pelas crianças, e as professoras precisavam saber qual o gênero de trabalho que as crianças iriam querer executar. Como exemplos de projetos que surgiram a partir das crianças, a

⁴ Documento divulgado pelo INEP em 1957, junto a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP. Documento sobre a Escola Experimental do Rio.

⁵ Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 22, n. 55, julho/setembro de 1954. Ideias e debates. “A primeira Escola Experimental Bárbara Ottoni”. Helena Moreira Guimarães, p. 43-51.

diretora cita a criação de uma horta, a construção de uma casa e a construção de brinquedos. Helena Moreira Guimarães (1954) diz que após a escolha do tema, as professoras precisavam ver se as crianças sentiriam as dificuldades para a realização dos projetos. A professora continua dizendo que a maior dificuldade para os adultos era a da enorme vontade de intervir e dirigir o trabalho no lugar da criança, já que, naturalmente, para um adulto é muito mais fácil fazer algo no lugar da criança do que deixar que a criança se organize sozinha. Helena Guimarães (1954, p. 45), ainda diz sobre o método de projetos:

Capacidade maior na escolha dos projetos, maior organização e certeza no desenvolvimento do trabalho, aumento de iniciativa, crescente interesse na consecução do fim almejado, eram qualidades que contávamos adquirissem com o correr do tempo. Todas elas fazem, por isso, parte de fichas por nós organizadas e denominadas de "merecimento de aluno" e de "apuração de aproveitamento de grupo".

Sobre os professores da Escola Bárbara Ottoni, eles entendem que a escola “não deve visar somente a aquisição de certas práticas formais, de certas técnicas escolares, eles sabem que a escola deve também proporcionar a oportunidade de aprender.” (GUIMARÃES, 1954). Esse papel social da escola já foi visto anteriormente por John Dewey e que também era bastante defendido por Anísio Teixeira. Helena afirma que para que esses objetivos sejam alcançados, os professores precisavam contar muito com as crianças e com seus interesses. “O ensino pelo método de projetos exige, também, como consequência, a liberdade da criança.” (GUIMARÃES, 1954, p. 50) É importante que a experiência pessoal seja trazida em benefício do grupo. E para que fosse possível obter bons resultados, os professores precisavam contar com a cooperação da criança. Assim, afirma a Diretora, que “isto só é possível dando-lhe oportunidade para praticá-la, provocando e fomentando, mesmo, sua participação na solução dos problemas da comunidade, recorrendo muito à compreensão, ao raciocínio, à convicção, facilitando-lhe uma vida natural, cujos fins sejam compreendidos.” (GUIMARÃES, 1954, p. 50) Helena diz que as crianças correspondiam às aspirações da escola e das professoras, muitas delas adquiriram uma acentuada capacidade de organização e de controle, reconheciam a vantagem da ordem e da disciplina, eram sociáveis, ativas e realizadoras. O trabalho na 1ª Escola Experimental durou um pouco mais de 4 anos. Helena cita que esse foi um tempo curto e que ainda havia muitas coisas para

experimentar e verificar, porém ela deixa 4 questões que são importantes para melhor compreendermos o trabalho feito na Escola Bárbara Ottoni:

1. O método aplicado na escola foi o ideal, já que é um método racional e humano;
2. Instalações amplas e adequadas facilitam a natural expansão das atividades infantis;
3. Este método é dependente do mestre, que nesse caso seria a escola, que quanto mais se anula, mais se torna indispensável;
4. Para uma realização mais eficiente são necessárias classes pequenas; os grupos numerosos dificultam o trabalho do professor. Visto que o que se pretende é permitir ao aluno a plena expansão de sua personalidade, promovendo e dirigindo o harmonioso desenvolvimento de todas as suas qualidades.

3.2 Escola Manoel Bomfim

A Escola Experimental Manoel Bomfim (ou 2ª experimental) era uma instituição de educação primária e foi criada em 1932 por Anísio Teixeira. A Escola Manoel Bomfim “prometia reunir as condições ideais para o desenvolvimento da individualidade do aluno até o limite de suas capacidades naturais” (PINHEIRO, 2017, p. 13). A 2ª escola experimental utilizava o Plano Dalton, que foi criado por Helen Parkhurst, na década de 1920, e foi testado na cidade de Dalton, nos Estados Unidos. O Plano Dalton é um método de educação pelo qual os alunos trabalham em seu próprio tempo e ritmo, e recebem ajuda individual dos professores quando necessitados. Uma das principais marcas do plano é a valorização da liberdade do aluno (XAVIER & PINHEIRO, 2016, p.185). O professor, nesse caso, exercia uma direção, uma interferência, no lugar da autoridade. Os laboratórios e os livros são as questões mais importantes do Plano Dalton. O laboratório era o lugar de atividade e de aprendizagem, era no laboratório que o aluno exercia o autodesenvolvimento, a autoinvestigação, o autodidatismo, a auto experiência, realizava trabalhos e consultas e desenvolvia experiências (NASCIMENTO, 1933, *apud* XAVIER e PINHEIRO, 2016, p.186). Era composto por turmas heterogêneas, ou seja, alunos de diferentes idades e séries. Já o livro era utilizado para resolver problemas a partir

de atividades baseadas no pensar, no descobrir e no criar (PINHEIRO, 2017). O Plano Dalton valoriza o princípio da educação pelo trabalho, incentivando no aluno o interesse pelo trabalho socialmente útil. No plano, o ensino sempre tinha uma finalidade. A liberdade do aluno já era exercitada na escolha do laboratório, e o aluno permanecia lá pelo tempo que quisesse (XAVIER & PINHEIRO, 2016).

Em 1933 Dalila, enquanto aluna da Escola Manoel Bomfim, escreveu um diário (PINHEIRO, 2017) sobre sua vida escolar na 2ª experimental. O diário era uma prática institucionalizada na Escola Manoel Bomfim para determinado grupo de meninas (PINHEIRO, 2017). Dalila era monitora e colaboradora em um jornal da escola, e, além dessas atividades, a aluna tinha a escrita do diário. Ela integrava o clube literário, o clube de saúde e a cooperativa, e as atividades relacionadas aos laboratórios. Por conta disso, Dalila deixava claro um certo “cansaço” com essa rotina:

Sou novamente monitora e ainda por cima secretária! Que massada! Sendo secretária, tenho que fazer os relatórios (18/07/1933).
Na reunião dos novos membros da cooperativa, (sou também secretária, tenho portanto que fazer as atas, que massada! Já não basta ser do clube de Saúde? Ainda bem que o clube literario nao tenho nado com as atas, sou presidente). (25/08/1933)

Nascimento (1933 *apud* XAVIER e PINHEIRO, 2016) recomenda que, para que o Plano Dalton funcionasse, a escola poderia adotar dois turnos para a divisão de todas essas tarefas. Porém, até 1935, a Escola Manoel Bomfim não adotou esse método. No diário, Dalila se refere a pelo menos três laboratórios: Geografia, Matemática e Linguagem. A aluna revela grande dificuldade em lidar com a dinâmica do laboratório:

Não sei de maneira alguma dividir meu tempo e isso aborrece-me muito. Quando chego à Escola fico atrapalhada, sem saber para que laboratorio vou, e quanto tempo devo ficar,. Conseguindo decidir um laboratorio para ficar, passo o tempo todo pensando para que sala devo ir depois. E assim passo a hora toda, pensando... pensando...E foi desta forma que passei a hora na sala de português hoje, e por isso não entendi patavina das explicações de D.D...(É bem pezarosa que digo isso) (13/6/1933).

Como podemos observar, um dos pilares do Plano, a liberdade do aluno, era, para Dalila, um grande problema. Nascimento (1933 *apud* XAVIER e PINHEIRO, 2016) diz que esse tipo de situação já era prevista pelo plano. Se o aluno se

sentisse “atrasado” e não conseguisse acompanhar a dinâmica do trabalho dos colegas, como foi o caso de Dalila, a escola recomendaria a ele uma “classe de ajustamento”. No diário, Dalila cita essa classe como um hospital. Pinheiro (2017, p.100) fala sobre os alunos “em atraso”:

“Apesar de toda essa “liberdade” envolvida na lógica dos laboratórios, o aluno pagava um preço, se por acaso não soubesse utilizar bem a “autonomia” e a “liberdade” concedidas a ele; ou seja, se não soubesse se “ajustar”, atuando como indivíduo, à lógica do sistema rítmico/simétrico. O aluno em atraso, indicação de uma “limitação mental”, deveria ser deslocado antes que perturbasse a harmonia da turma, que, mesmo sendo heterogênea, tinha um ritmo próprio.”

O livro, como visto anteriormente, era outro fator muito importante para o andamento do Plano Dalton. O livro contribuía para o aluno superar os desafios da escola, e o aluno deveria saber consultar e interpretar o livro, que estava ali como um instrumento de trabalho e de ação. Dalila tinha um interesse muito grande por livros, porém ela mesma dizia que nem sempre se identificava com os livros indicados pela escola, e que tinha uma preferência pela literatura romântica. O ideal era que houvesse uma biblioteca especializada na Escola Manoel Bomfim para cada laboratório, porém, em um momento do diário, Dalila diz que existia apenas uma biblioteca geral, provavelmente por falta de espaço. Em agosto de 1933, Dalila acabou abandonando a escola. Segundo Xavier e Pinheiro (2016) Dalila tinha uma boa relação com a maioria das professoras, com a diretora e com as colegas. Ela era muito grata por poder exercitar a escrita poética na escola, mesmo na época sendo diarista. Porém, a sua experiência enquanto aluna da Escola Manoel Bomfim, ainda segundo Xavier e Pinheiro (2016), foi marcada por importantes conflitos. Para Dalila foi difícil lidar com a didática do Plano Dalton, foi complicado ter que aturar as críticas do seu estado melancólico, provavelmente herança da educação tradicional, e “o pragmatismo escolanovista, tal como fora apropriado por Anísio Teixeira, parecia duelar com outros valores culturais”. (XAVIER & PINHEIRO, 2016, p. 189)

Xavier e Pinheiro (2016) deixam uma reflexão acerca do paradoxo do Plano Dalton e da Escola Manoel Bomfim, com base na experiência de Dalila:

“O desejo de formação escolanovista encarnado pelas escolas experimentais não deixava de expressar certa ambiguidade: de um lado, estimulava-se o desenvolvimento do aluno, valorizando amplamente sua

liberdade, seu poder decisório; de outro, havia a preocupação de que toda essa energia liberada não resultasse em atitudes antissociais. [...] Estava em jogo não apenas o cuidado em condenar os castigos sofridos pelas crianças na escola ou na família [...] mas, também, a tentativa de cortar a aliança com determinadas culturas consideradas ultrapassadas. É nesse contexto rico, complexo e contraditório, que se pode inserir a experiência de Dalila, que amava e ao mesmo tempo resistia à escola em que estudava. A escola que alimentava e oportunizava seu desejo de ser escritora e poetisa era a que instaura a sua imaginação e escrita românticas.”

O Plano Dalton era composto de projetos, porém, diferente do método de projetos, propriamente dito, esses projetos eram preparados pelos professores e não pelos alunos. O ideal seria que os projetos fossem de iniciativa dos alunos para que tivesse algum significado para eles (PINHEIRO, 2017). Para o funcionamento do Plano Dalton, as escolas experimentais eram o ambiente perfeito para seu funcionamento, principalmente por conta das professoras, que para o funcionamento do plano precisavam ser especialistas, o que se tornou possível com a criação da docência especializada por Anísio Teixeira.⁶ No entanto, “era muito difícil uma aplicação integral do plano em outras escolas, devido à reduzida disponibilidade de tempo para o desenvolvimento das atividades escolares nos demais estabelecimentos” (PINHEIRO, 2017, p.107). Para a diretora da Escola Manoel Bomfim, Samartino, o sistema vinha sendo aplicado conforme seu desejo. A diretora destaca o fato do sistema lançar a criança em situações reais do dia a dia da vida e do trabalho. Como ponto negativo, a diretora destaca o desprovimento do horário, sugerindo, assim, uma extensão do horário, e o mau aparelhamento dos laboratórios. Segundo Pinheiro (2017), era possível afirmar que a Escola Manoel Bomfim apresentava alguns problemas de condições de trabalho, como: turmas lotadas, o pouco tempo para desenvolver as atividades (que já tinha sido dito anteriormente pela diretora da escola), e certa precarização do material didático usado nos laboratórios. “Limitar o número de alunos por sala, estender o tempo de permanência deles na escola, equipar melhor os laboratórios, aperfeiçoar o acompanhamento do trabalho docente eram as sugestões dadas pelas professoras para tentar resolver parte dos problemas.” (PINHEIRO, 2017, p.112). A Escola Manoel Bomfim funcionou até 1942, quando foi fechada e seus arquivos transferidos para a Escola Municipal Barão de Itacurussá.

⁶ Segundo Nascimento (1933 *apud* XAVIER e PINHEIRO, 2016), para adoção do Plano Dalton era preciso que as professoras fossem especialistas. Para isto, em 1931, Anísio Teixeira criou a docência especializada. A questão das professoras serem especialistas foi um empecilho para que o plano funcionasse de forma integral em outras escolas, com exceção das escolas experimentais.

3.3 Escola Argentina

A Escola Argentina foi fundada em 1924 por Carneiro Leão. Em 1929, durante a gestão de Fernando de Azevedo, a escola mudou-se para um prédio no Engenho Novo, recebendo novas instalações, um prédio para educação física, sala para atendimento médico, 16 salas de aula, biblioteca e duas oficinas. Durante a administração de Anísio Teixeira, em 1932, transformou-se em uma escola experimental, adotando o sistema Platoon. Em 1935, transferiu-se para um prédio moderno em Vila Isabel. Nesse novo endereço, a escola passou a ter ginásio, auditório, 25 salas que se dividiam em duas bibliotecas, 12 salas de aula comuns, salas específicas para o ensino da história, geografia, desenho, artes industriais e ciências (com dependência para um viveiro). A escola previa matricular dois mil alunos, na tentativa de resolver o problema da falta de vagas na cidade. Por conta disso, a Escola Argentina transformou-se em uma das maiores escolas da cidade (CHAVES, 2006).

Enquanto escola experimental, a escola Argentina visava relacionar o ensino regular com atividades especiais. Com o sistema platoon, era possível que o ensino/aprendizagem na escola acontecesse em vários espaços escolares

“se compondo de acordo com as inúmeras atividades que se estenderiam para além da sala de aula que, a começar desse momento, se desdobraria em: a) salas fundamentais, para o ensino da linguagem e da matemática; b) salas especiais, para as aulas de estudos sociais, geografia, ciências e desenho; c) biblioteca, para o desenvolvimento do gosto através do incentivo à leitura; d) auditório, para as aulas de música, de dramatização e até de reforço da matéria ensinada; e) ginásio, para as atividades físicas e festas” (CHAVES, 2006).

A escola precisava fazer algumas alterações a respeito do horário e da arrumação das salas, para que a movimentação das turmas para percorrer as salas especiais acontecesse de forma harmônica. Com o sistema platoon, enquanto um “pelotão” (daí vem a palavra *platoon*) de alunos se encontrasse nas salas fundamentais, outro pelotão estaria nas salas especiais, ou no ginásio, biblioteca ou auditório (CHAVES, 2006).

Segundo Chaves (2006), quando a escola ainda funcionava no Engenho Novo, o horário da manhã era de 07:30 às 12:00, e o da tarde de 12:20 às 16:50, sendo assim quatro horas e meia de tempo escolar. Ainda segundo a autora, o tempo era dividido em dez minutos para a entrada e para a saída, vinte minutos para o recreio, dez minutos para higiene dentária e três horas e quarenta minutos para aulas “que se organizaram da seguinte maneira: enquanto um pelotão de cada turno deveria estar nas salas fundamentais até a hora do recreio, o outro estaria nas salas especiais, ocorrendo o inverso após o recreio; o que fazia com que a entrada e saída das salas especiais devessem se dar com organização, silêncio e rapidez” (CHAVES, 2006). Em Vila Isabel a escola já contava com uma construção planejada para a adoção do sistema platoon, e era dividida em três turnos. O primeiro pelotão entrava 07:30 e saía às 13:00, o segundo começava o dia às 11:00 e terminava às 16:30, e o terceiro começava 07:30 e ia até 16:30, “sendo que de 11:00 às 12:30 algumas crianças teriam que ir para casa almoçar e voltar para a escola” (CHAVES, 2006).

Nesse sistema, o auditório e a biblioteca têm um papel fundamental. Segundo Chaves (2006), o auditório era visto como um ponto de reunião de todas as matérias, ou seja, era no auditório que aprenderia a utilizar-se do conhecimento na vida social. Já a biblioteca permitiria que as crianças tivessem algum tipo de relação e contato com a literatura, com o objetivo de aproximar os alunos da arte. Dulce Viana, ex-subdiretora da Escola Argentina, exalta as qualidades do sistema platoon e da escola. Dulce diz que no sistema platoon as crianças aprendem brincando e divertindo-se em ambientes próprios, pois há salas especiais para tudo. O sistema platoon procurava transformar radicalmente o modo como as escolas deveriam ser concebidas (CHAVES, 2006), e, assim como qualquer outra proposta inovadora, o sistema tinha suas vantagens e desvantagens.

Na Escola Argentina o aluno não deveria aprender simplesmente ouvindo o professor, mas sim vendo e agindo sobre as situações escolares, para que, assim, o aluno sentisse que é o autor do seu próprio processo de aprendizagem. Como já visto anteriormente, Anísio Teixeira defendia a educação pautada na experimentação, e em uma pedagogia ativa, onde a criança é o centro do seu processo de aprendizagem. E era assim que a escola Argentina funcionava. A

criança precisava se sentir estimulada a aprender, e que ela criasse uma relação criativa com o conhecimento. Através da biblioteca, a escola Argentina incentivava a leitura silenciosa com o objetivo de enriquecer o mundo interior da criança e valorizava, também, a leitura em voz alta, já que na época ler para o público era bastante prestigiado em saraus, festas e aniversários (CHAVES, 2006).

Para Anísio Teixeira, a escola é uma comunidade com seus membros, seus interesses e seu governo. E esse governo precisa ser democrático, para que a escola forme para a democracia. Para Anísio (1956):

Se a escola transformada cria as condições necessárias para um trabalho real e eficaz e êste trabalho se vai fazer em comum, com divisão de tarefas, participação de todos, sentido de responsabilidade e cooperação; e se a sua organização, isto é, as relações entre alunos, professores e administração, é a de um "team", em que todos se sintam "tão bons quanto os outros" - então, a formação democrática será quase inevitável.

E a escola Argentina tinha esse objetivo. A adoção do sistema platoon tentava resolver o problema quantitativo da educação: o número de vagas nas escolas e a adoção da educação integral tentava resolver um problema qualitativo: ampliando a grade escolar e propondo um ensino que fosse muito mais que apenas ler, escrever e contar. Com a saída de Anísio Teixeira da Secretaria de Administração Educacional, a escola foi perdendo a sua marca, deixando de ser experimental e utilizando novos métodos de ensino. Nos dias de hoje a escola pertence à rede municipal de ensino do Rio de Janeiro e continua no mesmo endereço.

3.4 O Centro Educacional Carneiro Ribeiro

O Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR) foi inaugurado em 21 de setembro de 1950, em Salvador, na Bahia. O C.E.C.R era um exemplo de experiência de educação integral e revolucionou as propostas educacionais do país. Até hoje a Escola Parque é mencionada como sendo o conjunto escolar de mais arrojada concepção pedagógica. No discurso de inauguração do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Anísio Teixeira cita que três pavilhões e três grupos escolares seriam inaugurados, parte de um Centro Popular de Educação, chamado Carneiro

Ribeiro, em homenagem ao educador baiano. Posteriormente, com auxílio do INEP, um quarto pavilhão comporia o conjunto, que no caso seria a Escola Parque. Sobre a construção do CECR, Anísio Teixeira diz:

A construção desses grupos obedece a um plano de educação para a cidade da Bahia, em que se visa restaurar a escola primária, cuja estrutura e objetivos se perderam nas idas e vindas de nossa evolução nacional. Quando digo isto, o Sr. Governador, não estou a conduzir um julgamento, mas a trazer um testemunho. Há vinte e cinco anos atrás era eu o diretor de instrução do Estado em um governo que, como o de hoje, parecia inaugurar uma era de reconstrução para a Bahia. As escolas primárias passaram, então, por um sobre a renovação e de incremento, mas, o que é digno de nota era o seu funcionamento integral, com os cursos em dois turnos, e o programa, para a época, tão rico quanto possível.

O CECR foi pensado para ser uma escola de educação com qualidade, com cinco anos de duração, de cunho experimental, universal, democrática e integral. O horário sugerido era das 7h30min às 11h30min, e de 12h00min às 16h30min. Segundo Morel (2016), o Centro Educacional foi estruturado para atender uma população escolar de, aproximadamente, quatro mil alunos. Quatro pavilhões formavam a estrutura das Escolas-Classes, com o ensino de letras, matemática, história, geografia e ciências. Sobre o funcionamento da escola, Morel (2016, p.156) diz:

“[...] seria uma escola parcial para funcionar em turnos, com 12 salas de aula, que se integraria a um conjunto de edifícios centrais, que seria a Escola Parque, com atividades sociais e artísticas (teatro, dança, música), de trabalho (artes industriais, aplicadas, plásticas) e de educação física (esportes, jogos, recreação, lazer). Dessa forma, a criança ficaria no primeiro turno na Escola-Classe e no segundo turno na Escola Parque, num sistema de semi-internato. O espaço escolar tinha locais propícios e específicos para as funções da escola, além das salas de aula: biblioteca, auditório, ginásio, horta, refeitório, oficinas para os cursos, vestiários e dormitórios/residência.”

As Escolas-Classe visavam em “abolir a repetência, situar o aluno dentro do seu grupo etário, garantir sua permanência na escola, independente de seu aproveitamento, e estabelecer como período de escolaridade no ensino primário a faixa etária de 7 a 13 anos” (NASCIMENTO, 2009, p.21). Nas escolas-classe eram desenvolvidas atividades convencionais das demais escolas, como a leitura e escrita. A escola-classe era um conjunto de 12 salas de aula, planejadas para o melhor funcionamento possível do ensino de letras e ciências. Era uma escola

parcial e para funcionar em turnos, e viria a integrá-la numa escola-parque. Na Escola Parque, as crianças tinham contato com atividades educativas, como trabalhos manuais, educação física, artes e etc. Durante um turno a criança estudava em uma das escolas-classe, e no outro turno estudava na escola-parque. No Centro de Educação Popular a criança ainda tinha acesso a médico, dentista, orientador educacional e merenda escolar. A relação da educação com a vida social integra a proposta estabelecida pelo CECR. Os Centros Populares “legitimavam os princípios da escola nova, do aprender fazendo, desenvolver hábito e técnica do trabalho e do viver em cooperação, através das atividades realizadas em seus setores: de trabalho; artístico; recreativo; de extensão cultural e biblioteca; e setor socializante (NASCIMENTO, 2009). Sobre a avaliação no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, Nascimento (2009, p. 22) diz:

A avaliação do C.E.C.R. visionariamente se avizinhava de instrumentos inovadores, isto é, o Centro e seus professores, guiados pelas idéias anisianas e postas em prática por sua irmã, Carmem, soltava as amarras da avaliação tradicional e incentivava critérios formativos: avaliava-se o conteúdo e o trabalho prático, as culturas profissionais. Em outras palavras, não havia um método pronto no qual os alunos eram submetidos a provas e testes orais e escritos. Se, por outro lado, privilegiava esses instrumentos, avançava-se além deles, existia uma cooperação entre os professores e as equipes técnicas, reconhecendo-se que não se aprende sozinho e que certas competências são coletivas, exigem uma forma de cooperação.

A organização escolar do CECR, segundo Anísio Teixeira, daria ao aluno a oportunidade de participar, como membro da comunidade escolar, de um conjunto rico e diversificado de experiências. Na escola-classe a criança se sentiria o próprio estudante, nas oficinas ele se sentiria o trabalhador, no ginásio se sentiria o esportista e o artista no teatro. Para o educador, seriam experiências educativas pelas quais as crianças “iriam adquirir hábitos de observação, desenvolver a capacidade de imaginar e ter ideias, examinar como poderiam ser executadas e executar o projeto, ganhando, assim, habilitação para a ação inteligente e eficiente em sua vida atual, a projetar-se para o futuro” (TEIXEIRA, 1967). Em 1967 Anísio Teixeira chegou a dizer que, para o centro popular ficar pronto, faltavam as residências para as crianças abandonadas, “que aqui deveriam estar como os habitantes do Centro, que iriam durante o dia, hospedar os alunos do regime de semi-internato em que funciona.” (TEIXEIRA, 1967). O projeto do CECR não teve seguimento pelos governos seguintes. Porém, para termos uma noção do que o

CECR significou e ainda significa para a área da educação, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro foi objeto de um documentário, organizado pela UNESCO, que usou o CECR e seu sistema educacional como exemplo a ser seguido em países em desenvolvimento. Em 1981, o CECR foi tombado como patrimônio material da Bahia.

Deixo aqui uma reflexão de Anísio Teixeira acerca dos Centros Populares:

Por isso é que a experiência deste Centro pode ter, dentro de nossas limitações, o sucesso que teve. A seu lado, um corpo de professores admiráveis realizou, em silêncio, uma experiência nova, que mereceu o respeito de quantos dela puderam tomar conhecimento, e que aí está sob a vista de todos nós, para mostrar que podemos reconstruir a escola primária, por nós mesmos, desde que nos dêem as condições para isto.

3.5 Escola Guatemala

A Escola Guatemala foi criada em abril de 1954, no bairro de Fátima, na região central do Rio de Janeiro. Em 1955 a escola tornou-se o primeiro Centro Experimental de Educação Primária do Inep/CBPE (STRANG, BATTINI & NISHIKAWA, 2011), funcionando dessa forma até dezembro de 1975. O prédio da escola Guatemala era dividido em três pavimentos, e a escola foi construída em um terreno íngreme, o que dificultava as atividades de educação física no espaço. No primeiro andar do prédio funcionava o refeitório, que era muito utilizado como espaço para reuniões e atividades de recreação; no segundo andar funcionavam as salas de aula; e, no terceiro andar funcionavam as atividades artísticas. Como a Escola Guatemala fazia parte de um acordo entre o INEP e a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Instituto era responsável pela orientação técnica dos trabalhos, e a Prefeitura oferecia a mesma assistência que prestava para as outras escolas do Distrito Federal.

Era uma escola voltada para a formação de hábitos, atitudes, maneiras de encarar o processo de transformação humana, um conjunto de ações essenciais para as atividades da vida em sociedade (MOREL, 2016). Como já visto anteriormente sobre as outras escolas experimentais, com a escola Guatemala não

era diferente, a escola tinha como objetivo proporcionar para os alunos as experiências da vida social, também influenciada pela filosofia de John Dewey e o experimentalismo, e não apenas as técnicas fundamentais de leitura, escrita e cálculo. Segundo Morel (2016), a escola ainda tinha como objetivo fazer uma integração na vida social por meio da recreação e da arte, possibilitando um melhor desenvolvimento emocional, fornecendo elementos para o aproveitamento das horas de lazer e para a formação de hábitos e atitudes desejáveis na vida em sociedade. Cerca de 800 alunos frequentavam a escola Guatemala, divididos da seguinte maneira: 4 turmas de alfabetização; três turmas 2ª e 3ª séries; duas turmas de 4ª e 5ª séries (cada turma tinha, no máximo, 35 alunos). O modelo pedagógico utilizado na Escola Guatemala era o de “Método de Projetos”, o mesmo utilizado na Escola Bárbara Ottoni, a 1ª escola experimental.

Anísio Teixeira era um grande defensor da educação integral, e ele colocou em prática essa concepção na Escola Guatemala. Para Anísio Teixeira (2004):

Não se pode conseguir essa formação em uma escola por sessões, com os curtos períodos letivos que hoje tem a escola brasileira. Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte.

A Escola Guatemala funcionava em horário integral, tanto para os alunos como para os professores. O INEP fornecia almoço para os professores, funcionários e alunos que não podiam ir para casa almoçar. Os alunos da escola eram distribuídos pelas classes de acordo com a sua faixa etária, ou seja, não eram submetidos a nenhum tipo de teste de conhecimento. Nesse contexto, Pinheiro (2017) fala sobre a avaliação baseada no “Sistema de Avanço Progressivo”, que privilegia o ritmo individual de cada aluno. Essa prática tinha como foco o desenvolvimento progressivo e contínuo do aluno, e, dessa forma:

“A Escola Guatemala objetivava a criação de novos hábitos e valores em seus alunos, sua proposta educacional previa que o papel social da instituição escolar se constituísse, não só através da formação educacional, mas principalmente na formação de atitudes, ultrapassando, com isto, a ideia de uma formação fragmentada e dissociada da vida cotidiana” (PINHEIRO, 2017, p.96)

Com o Método de Projetos, os alunos passaram a ter aulas mais dinâmicas, sendo assim eles o centro de todo trabalho desenvolvido, participando ativamente de todas as atividades que eram propostas pelos professores.

Os professores da escola experimental, além da regência nas classes, também recebiam professores bolsistas de outros estados, participavam de cursos de atualização e de encontros de avaliação, promovidos pela equipe do INEP (PINHEIRO, 2017). A escola precisava de profissionais que demonstrassem interesse na implementação da proposta pedagógica inovadora e, segundo Pinheiro (2017), em 1956 a escola Guatemala passou a receber bolsistas de outros estados, para acompanhar a experiência pedagógica desenvolvida na escola. Além de receberem uma bolsa para participar dos cursos de aperfeiçoamento do magistério, os cursistas tinham “acesso a uma verba especial, que era destinada a eventos culturais na cidade com a presença dos professores regentes dos cursos acompanhando seus bolsistas” (PINHEIRO, 2017, p.82). O objetivo era que existisse uma troca de experiência entre os participantes dos cursos e os professores.

Sobre a dinâmica dos cursos, Pinheiro (2017) cita que eles tinham a duração média de um ano, e os professores-bolsistas permaneciam na cidade durante todo o tempo do curso. O currículo do curso se estruturava a partir de oito eixos, sendo eles: filosofia da educação; prática de ensino; psicologia; administração escolar; pesquisa em sociologia; pesquisa em administração e estatística; educação comparada e higiene escolar. Para Anísio Teixeira (1958), o magistério constitui uma das profissões em que a formação nunca se encerra, e sobre os cursos para formação dos professor, o educador ainda diz: “os cursos, estágios e seminários realizados pelo INEP constituem um destes programas de “training in service”. Busca o INEP adotar as unidades federadas de pessoal que possam contribuir para a formação mais eficiente do professor primário e colaborar em seu aperfeiçoamento.” (TEIXEIRA, 1958).

A Escola Guatemala tornou-se laboratório de experimentação da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério. A DAM era responsável pelo desenvolvimento de projetos de aperfeiçoamento do magistério, e não apenas de professoras, mas de

administradores, orientadores e especialistas em educação. A escola foi reconhecida como campo de pesquisa científica relacionada a métodos e recursos de ensino, a programas para o curso primário e a sistemas de promoção, e a intenção era de que o conhecimento produzido nessa escola experimental servisse de base à melhoria do ensino público primário no Brasil (PINHEIRO, 2017). O programa de aperfeiçoamento organizado pelo INEP/CBPE era articulado à realidade vivida pela Escola Guatemala, e “os cursos de aperfeiçoamento oferecidos pelo INEP para os docentes da Escola Guatemala faziam-se necessários à medida que naquele espaço acontecia uma rica experiência que demandava uma formação específica do corpo docente” (PINHEIRO, 2017, p.89). Em resumo, a Escola Guatemala transformou-se em um centro de formação de professores, uma referência nacional “que, ao fermentar uma nova cultura pedagógica acabou por elevar o nosso ensino a um novo patamar educacional.” (CHAVES & MACEDO, 2008)

A escola experimental possuía um gabinete de psicologia que era responsável pelo atendimento psicológico dos alunos e dos professores. O Serviço de Orientação Psicopedagógico (Sopp) começou a funcionar em 1955. Segundo Chaves e Macedo (2008), os objetivos principais do Sopp eram:

- 1) contribuir para um ajustamento satisfatório da criança ao meio ambiente [...];
- 2) colaborar com o corpo docente e direção da escola no sentido de ser conseguida uma unidade de orientação com os alunos;
- 3) propiciar um maior entrosamento entre escola, a família e a comunidade;
- 4) apresentar pesquisas e trabalhos relacionados às suas atividades específicas dentro da Psicologia Educacional, Evolutiva e Clínica

A equipe do Sopp era composta por duas psicólogas, uma assistente social e um médico. O Sopp promovia reuniões, grupos de estudos e entrevistas individuais com os professores, “objetivando que estes não apenas reconhecessem os problemas enfrentados pelos seus alunos, mas, principalmente, que se defrontassem com as suas próprias aflições no campo tanto profissional quanto pessoal no que se refere às dificuldades de implementação das propostas da escola.” (CHAVES & MACEDO, 2008). A experiência da Escola Guatemala “demonstra o quanto o INEP/CBPE, na direção de Anísio Teixeira, mostrava

preocupação com a situação das escolas públicas brasileiras, uma vez que o objetivo era difundir essa experiência por todas as escolas do país” (PINHEIRO, 2017). Assim como na década de 30, em 1964 Anísio Teixeira foi obrigado a sair da vida pública, deixando para trás “seus sonhos de reorganizar o sistema educacional brasileiro” (PINHEIRO, 2017, p.20). A Escola Guatemala ainda funciona no mesmo endereço nos dias de hoje, porém “não mais como “vitrine” dos últimos “lançamentos” em matéria de inovação pedagógica. Hoje, a sua presença física mistura-se e se confunde com tantas outras instituições públicas espalhadas pela cidade e pelo país.” (STRANG, BATTINI & NISHIKAWA, 2013). Situação que demonstra a falta de acúmulo de conhecimentos na área pedagógica em razão do esquecimento de experiências significativas e relevantes, tais como as que foram aqui abordadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anísio Teixeira foi muito importante na luta pela educação pública, laica, gratuita e de qualidade no Brasil. As suas obras e ideias para a reforma educacional, apesar de terem se desenvolvido nas décadas de 20-30 e 50, ainda são muito atuais. Ao observarmos o trabalho desenvolvido nas escolas experimentais do Rio de Janeiro, vemos a formação de professores como um processo contínuo e ininterrupto, realizada em simultâneo com o desenvolvimento do trabalho escolar. Com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Anísio proporcionou cursos de aperfeiçoamento para que os professores se especializassem na educação, e na utilização dos métodos das escolas experimentais. Essa formação é muito importante até nos dias de hoje.

Porém em pouquíssimas escolas acontecem esses cursos em parceria com o trabalho escolar realizado nas instituições, sem contar a falta de tempo de muitos professores, que atualmente precisam trabalhar em dois turnos para que consigam ter uma vida, principalmente financeiramente, melhor. Com isto, não há tempo para que os professores procurem cursos de especializações, ou que a escola forneça, dentro da própria instituição, esses cursos. Na maioria das faculdades de pedagogia, existe no currículo os "estágios obrigatórios", que consistem na alocação de alunos em escolas de diferentes níveis para observar, na prática, o trabalho pedagógico desenvolvido naquela instituição. Os estágios obrigatórios acrescentam muito na formação do pedagogo, para que, além da teoria, os estudantes possam estar no dia a dia das escolas.

Ao utilizar o método de projetos podemos observar o quanto Anísio Teixeira prezava pela criança como centro da educação. O método dos projetos nos faz pensar, nos dias de hoje, em uma pedagogia mais dinâmica, centrada na criatividade, numa perspectiva de construção dos alunos, dando para eles mais autonomia e independência para desenvolver suas atividades, totalmente em paralelo a educação tradicional utilizada por muitas escolas nos dias de hoje. Ao trazer o sistema platoon e o plano Dalton para o Brasil, Anísio se mostrou preocupado com a renovação educacional e com a adoção de novos sistemas

educacionais nas escolas do país. As escolas experimentais tinham uma dimensão científica, à medida em que eram chamadas de escolas laboratórios, remetendo a procedimentos científicos e às experiências de um laboratório, que necessitam de observação e comprovação empírica.

A escola, para Anísio, deveria educar a criança para a vida social e artística, e não apenas para o ler, escrever e contar. Para isto poder acontecer, era importante que a escola fosse em tempo integral. Um turno de aulas para aprender a ler, escrever e contar, e outro turno para aulas que os alunos escolheriam qual queriam fazer, que se alternava desde aula de costura até aula de artes. O artigo 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9394/96) prevê a progressão das escolas públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral. Ao observarmos as escolas públicas atualmente, sabemos que isso não ocorreu. Um dos principais motivos para o não cumprimento desta Lei é a absoluta falta de prioridade da educação pública por parte dos governos que estiveram à frente do Brasil.

A falta de investimento na área da educação é um problema antigo do país, problema este que Anísio Teixeira tentou, por muito tempo, combater. Foi baseado na ideia de educação integral de Anísio Teixeira, e, principalmente, na Escola-Parque, que Darcy Ribeiro, como já vimos anteriormente, pensou nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) na década de 80. Os CIEPs receberam muitas críticas, principalmente por ser um projeto caro, porém, como Anísio Teixeira dizia, a educação é cara, é um investimento. Para o educador, escola barata era uma escola que não queria educar. Os CIEPs não tiveram uma grande atenção dos governos seguintes, perdendo a sua maior essência: a educação integral, e alguns acabaram sendo abandonados.

Ao ler esse trabalho, podemos concluir que, para Anísio Teixeira, a educação não deveria ser um processo exclusivo de formação das elites. Em 1995, Darcy Ribeiro já dizia sobre Anísio Teixeira: “Anísio foi a inteligência mais brilhante que conheci”. A escola, para Anísio, é vida, com experiências intensas. Não podemos deixar que suas ideias e concepções acerca da educação sejam deixadas de lado. Precisamos observar o que foi feito no Rio de Janeiro, enquanto Distrito Federal, e

na Bahia, para que a gente consiga observar o que podemos fazer para que nossa educação dê certo. Os pensamentos de Anísio Teixeira ainda são muito atuais, as escolas experimentais nos ajudam a pensar na formação dos profissionais da educação, na escola enquanto lugar de formação para a vida social, a “vida do homem” como ele chamava. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro nos auxilia a pensar na importância da educação integral, e a Escola Guatemala nos ajuda a pensar na importância de uma orientação psicológica, não só com os professores, mas também com os alunos. Anísio Teixeira defende a educação pública, e é nessa defesa que precisamos nos inspirar para a melhoria da nossa educação pública atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQ. ANÍSIO TEIXEIRA; COUTINHO, A. Brasil; Encic. Mirador; Folha de S. Paulo (28/8/77). Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/dhbb/Anisio%20Teixeira.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2021.

CHAVES, Miriam. O cotidiano da Escola Argentina durante a reforma pedagógica de Anísio Teixeira no antigo Distrito Federal na primeira metade dos anos 30. "s.d". Rio de Janeiro.

_____. Um estudo sobre a cultura escolar no Rio de Janeiro dos anos de 1930 pelas lições de história Revista Brasileira de História da Educação, vol. 6, núm. 1, jan-jun, 2006, pp. 71-100 Sociedade Brasileira de História da Educação Maringá. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38636/20167>> Acesso em: 1 dez. 2021.

DEWEY, John. Vida e Educação. 8.ed. Tradução ANÍSIO S. TEIXEIRA. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. Anísio Teix e arquitetura escolar: escolas de construção, construindo e sonhos. Revista da FAEEBA. Salvador, n.13, jan./jun. 2000, p.151-160.

GUIMARÃES, Helena Moreira. A primeira Escola Experimental Bárbara Ottoni. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v. 55, n. 22, jul./set. 1954. p. 43-51. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/issue/view/444/80>>. Acesso em: 2 jan. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. Escola Experimental do Rio. Arquivo Histórico do INEP. Rio de Janeiro, 1957. (Relatório Administrativo) Disponível em: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/uploads/r/instituto-nacional-de-estudos-e-pesquisas-educacionais-anisio-teixeira-t-2/c/1/1/c112cec630bbef3b8a09b6fe7672fdb999151f7bbc37198c864727a9a58bcbf2/CBPE_m076p23_ProjetoDivisaoDeAperfeicoamentoDoMagisterioDoCentroBrasileiroDePesquisaEducacionaisDoINEP.pdf> Acesso em: 30 dez. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. O Método de Projetos na Escola Experimental do INEP. Arquivo Histórico do INEP. Rio de Janeiro, 1956. (Relatório Administrativo) Disponível e: <http://arquivohistorico.inep.gov.br/uploads/r/instituto-nacional-de-estudos-e-pesquisas-educacionais-anisio-teixeira-t-2/f/e/c/fecff6336061eaaff0e6a9c6eaf2d4d4de9460238090bec87ef3a3e228cf868/CODI-UNIPER_m0614p01_OMetodoDeProjetosNaEscolaExperimentalDoINEP_1956.PDF> Acesso em: 30 dez. 2021.

LOBATO, Monteiro. Carta a Anísio Teixeira, São Paulo, 20 maio 1945.

MOREL, Marcia. A educação do corpo no projeto anisiano de educação. Rio de Janeiro, 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://ppge.educacao.ufrj.br/teses2016/tMarciaMorel.pdf>> Acesso em: 29 dez. de 2021.

NASCIMENTO, Gedeon Ribeiro. O Centro Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque: simbologia de escola viva na comunidade do bairro da Liberdade em Salvador-Bahia. São Leopoldo, 2009.

O PLANO DIRETOR DAS EDIFICAÇÕES ESCOLARES. Rio.Gov. 2021. Disponível em <http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_anisio/nav_anisio.htm>. Acesso em: 11 jan. de 2022.

O SISTEMA ESCOLAR DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da Diretoria Geral de Instrução Pública, 1932. (Relatório Administrativo)

PINHEIRO, José Gledison Rocha. O diário de Dalila: poética, testemunho e tragédia na formação do indivíduo moderno. Salvador: EDUNEB, 2017. 351 p. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/1442/1/Diario_de_Dalila.pdf> Acesso em: 29 dez. 2021

POR UMA POLÍTICA DE FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO NACIONAL: o Inep/MEC dos anos 1950/1960 / Ana Waleska Mendonça, Libânia Nacif Xavier, organizadoras. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008. 260 p. (Coleção Inep 70 anos, v. 1) Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/historia_da_educacao/por_uma_politica_de_formacao_do_magisterio_nacional.pdf> Acesso em: 1 dez. 2021.

RIBEIRO, Darcy. Dr. Anísio. Carta: falas, reflexões, memórias. Brasília, n.14, 1995. p.33-36. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/dr.anisio.html>> Acesso em: 17 nov. 2021.

ROCHA, João A. As inovações de Anísio Teixeira na arquitetura e construção escolar: os casos da Bahia e do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro6/inovacoes_at.html> Acesso em: 20 dez. 2021.

SANDER, B. Administração da Educação no Brasil: genealogia do conhecimento. Brasília: Liber Livro, 2007a.

SILVEIRA, Juracy. Alguns aspectos da reforma Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro. *In*: AZEVEDO, Fernando e outros. Anísio Teixeira: pensamento e ação. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1960. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro7/algunsaspectos.html/>>. Acesso em: 20 dez. 2021.

TEIXEIRA, Anísio. A Escola Parque da Bahia. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.47, n.106, abr./jun. 1967. p.246-253. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/parque.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2021.

_____. Anotações de viagem à Europa. Lisboa: FGV/CPDOC. 1925. 54p. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/viagemEuropa.html>> Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. Anotações de viagem aos Estados Unidos. Navio Pan American: FGV/CPDOC. 1927. 50p. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/viagemEua.html>> Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. Aspectos americanos de educação. Salvador: Tip. De São Francisco, 1928. 166p. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/aspamerieducacao/indice.htm>> Acesso em: 24 nov. 2021.

_____. Bases da teoria lógica de Dewey. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.23, n.57, jan./mar. 1955. p.3-27.

_____. Carta a Cândido Mota Filho, Rio de Janeiro, dez. 1954. Localização do documento: FGV/CPDOC - Arquivo Anísio Teixeira - ATC 54.12.00. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/cartas/candid.htm>> Acesso em: 24 nov. 2021.

_____. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.31, n.73, jan./mar. 1959. p.78-84. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/cecr.htm>> Acesso em: 27 dez. 2021.

_____. Curso, estágio e seminário para formação do professor. Entrevista. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 20 abr. 1958. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/curso.html>> Acesso em: 10 jan. 2022.

_____. Discurso de posse do Director Geral de Instrução Pública. Boletim de Educação Pública. Rio de Janeiro, v.2, n.1 / 2, jan./jun. 1932. p.75-76. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/discurso.html>> Acesso em: 1 dez. 2021.

_____. Educação não é privilégio. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

_____. Educação para a Democracia. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936

_____. Estudo sobre o projeto de Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.18, n.48, out./dez. 1952. p.72-123. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/estudo.html>> Acesso em: 2 dez. 2021

_____. Os prédios e aparelhamentos escolares. Boletim de Instrução Pública, ano 14, n.11 e 12, jul./dez. 1934. p.204. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/Visita_Guiada/p4a21.htm> Acesso em: 24 nov. 2021.

_____. Os processos democráticos da educação nos diversos graus do ensino e na vida extra-escolar. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.25, n.62, abr./jun. 1956. p. 3-16. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/processo.html>> Acesso em: 24 nov. 2021

_____. Por uma escola primária organizada e séria para formação básica do povo brasileiro. Educação e Ciências Sociais. v.3, n.8, 1958. p.139-141. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/decal.htm>> Acesso em: 25 nov. 2021.

_____. Porque "Escola Nova". Boletim da Associação Baiana de Educação. Salvador, n.1, 1930. p.2-30. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/nova.htm>> Acesso em: 8 dez. 2021.

XAVIER, Libânia Nacif. A reforma do ensino no Distrito Federal (1930-1935): experimentalismo e liberalismo em Anísio Teixeira. Cadernos de História da Educação, Uberlândia: Edefu, v. 6, 2007, p. 145-159.

XAVIER, Libânia Nacif; PINHEIRO José Gledison Rocha. Da Lab School de Chicago às Escolas Experimentais do Rio de Janeiro dos anos 1930. Hist. Educ. v.20, n.50. Porto Alegre, 2016, p. 177-191.